

A influência da Educação Física no bullying escolar: A solução ou parte do problema?

The influence of Physical Education in school bullying: The solution or part of the problem?

Fernando Marcelo Ornelas Melim

Doutorado em Estudos da Criança, pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal.

Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira

Professora Catedrática do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal.

Resumo

A disciplina de Educação Física tem um forte efeito socializador entre os jovens e deverá ter um papel primordial no combate aos problemas de violência, indisciplina e *bullying* que preocupam a escola atual. Esta investigação pretende analisar as interinfluências entre a Educação Física e o comportamento *bullying* e compreender em que medida este problema prejudica as finalidades relacionais, humanistas e éticas desta disciplina. Estudo analítico de delineamento transversal realizado numa amostra de 1818 alunos de escolas portuguesas, com uma média de idades de 12,8 anos.

Concluimos que as atitudes e opiniões dos alunos com experiências de *bullying*, em relação à participação na aula de Educação Física, são distintas das dos restantes alunos: os alunos que assumiram ter agredido/*bullied*, manifestam maior concordância com opiniões prepotentes e injustas do que os alunos que não agrediram/*bullied* e os alunos que foram vítimas de *bullying* sentem mais dificuldades e constrangimentos na sua participação na aula de EF do que os colegas que nunca foram vitimados; comprovou-se igualmente que os alunos com experiências de *bullying* (seja vitimização ou agressão) têm expectativas mais reduzidas em relação às aprendizagens nesta disciplina. Finalmente confirmou-se que um aproveitamento insatisfatório nesta disciplina constituiu um significativo fator de risco relativamente à probabilidade de um aluno ser vítima de *bullying* pelos seus pares.

Palavras-chave: *Bullying* | Escola | Educação física.

Abstract

The discipline of Physical Education has a strong socializing effect on young people and should have a major role in the struggle against violence, indiscipline and bullying related problems that concern today's school community. This research aims to analyse the interaction between Physical Education and bullying behaviour and to understand to what extent this problem undermines the relational, humanistic and ethical purposes of this school subject. Cross-sectional analytical study conducted in a sample of 1818 students from portuguese schools, with a mean age of 12.8 years.

We conclude that the attitudes and opinions of students with experiences of bullying, relatively to participation in physical education classes, are distinct from other students': students who have bullied someone show better agreement with arrogant and unjust opinions than those didn't and students who were victims of bullying experience more difficulties and constraints towards their participation in physical education class, than their colleagues who were never victimized; it was also confirmed that students with who have experienced bullying (either victimization or aggression) have lower expectations

regarding learning in this course. Lastly it was confirmed that a negative assessment in this discipline was a significant risk factor for a student's probability of being bullied by his or her peers.

Keywords: Bullying | School | Physical Education.

1. INTRODUÇÃO

Para contrapor a aparente “espontaneidade” com que o *bullying* surge nas relações entre alunos, a solução é contrariar veementemente esta forma de prepotência através da constante estimulação de um ambiente escolar justo, solidário e não tolerante ao abuso e à exclusão. Se a disciplina de Educação Física (EF), pelas suas características específicas e pelos conteúdos que veicula tem um forte efeito socializador entre os jovens, então deverá ter um papel primordial no combate aos problemas de violência, indisciplina e *bullying* que preocupam a escola atual.

66

Pelo gosto que os alunos têm por estas aulas, pela existência de um contexto específico propiciado por esta disciplina e que aflora sentimentos fortes e por vezes ambíguos no aluno, em relação a si próprio e em relação aos que o rodeiam, os professores de Educação Física têm uma responsabilidade acrescida de abordar e trabalhar as questões da ética, dos princípios morais, dos valores sociais e da qualidade do relacionamento interpessoal. Esta é possivelmente a melhor contribuição para a desejada formação integral do aluno como futuro cidadão adaptado, produtivo e feliz, numa sociedade contemporânea exigente e em constante transformação.

A análise da relação entre o comportamento *bullying* e a Educação Física afigura-se muito pertinente porque é relevante constatar a qualidade da participação e o aproveitamento escolar dos alunos envolvidos em *bullying*, numa disciplina em que o relacionamento entre o indivíduo e o grupo assume uma importância vital

O propósito deste artigo é tentar compreender se a EF, pelo imenso potencial social e pedagógico que propicia, de facto incrementa a aprendizagem social, a melhoria do relacionamento entre os alunos ou se, pelo contrário, coexiste com comportamentos de segregação, exclusão e *bullying*. Para além de chamar a atenção para esta situação pretende-se igualmente fundamentar as necessárias alterações ideológicas e pedagógicas de que esta disciplina curricular possa carecer.

Nos pontos que se seguem, tendo em conta o conceito de *bullying*, analisaremos como o potencial sociopedagógico da EF pode ser subutilizado, por uma prática letiva circunscrita à lógica competitiva e selectiva.

1.1 O conceito de *bullying*

Na literatura podemos encontrar um significativo número de definições de *bullying*, algumas conceptualmente mais próximas do que outras, no entanto percebemos que alguns aspetos parecem comuns a todas as definições de *bullying*. Nomeadamente, a referência ao abuso de poder por parte do agressor; a repetição do comportamento (ainda que sobre certas circunstâncias um único episódio de perseguição mais séria possa ser considerado *bullying*), a intenção deliberada de prejudicar ou magoar o outro; e a situação de vulnerabilidade da vítima (Olweus, 1993; Pereira, 2008; Rigby, 2007; Sharp e Smith, 1994).

Existem situações no dia a dia escolar que se confundem com *bullying*. A agressão que se pode observar na escola, quando rapazes ou raparigas lutam, não é necessariamente *bullying* (mesmo quando existe uma diferença de potencial inicial) uma vez que há mútua vontade em participar nesta luta para medir forças.

Uma outra diferenciação de conceitos é a distinção entre a agressão/*bullying* e a “brincadeira ou jogo rude”, *rough-and-tumble-play*, (Pellegrini, 1992). As “brincadeiras ou jogos rudes” consistem em jogos em que as crianças, especialmente os rapazes, imitam atos de luta ou de caça que incluem grande envolvimento físico, mas cuja intenção é brincar e não magoar, contrariamente à conduta agressiva, em geral, e ao *bullying* em particular. Por outro lado, a semelhança que existe entre um conflito real e outro realizado de brincadeira é algo que o agressor pode utilizar no sentido de justificar o seu comportamento perante um adulto que interfira na situação. A própria vítima pode tentar passar a ideia que ele (a) não está a ser agredido (a). Esta ambiguidade pode surgir devido ao facto de a vítima preferir sofrer a indignidade de ser agredido, à indignidade, ainda maior, de ser protegida por alguém – especialmente um professor – salientando, assim, a sua incapacidade para se defender (Rigby, 2007).

No âmbito deste trabalho assumimos como definição operacional de *bullying* a seguinte: a agressão entre jovens, intencional e frequente, capaz de causar danos ou magoar, tais como: ameaçar, chantagear, chamar nomes, gozar, levantar falsos testemunhos, contar segredos, praxar de forma violenta, pôr de parte um(a) colega, ignorá-lo (a), bater, empurrar e tirar objetos de valor.

O *ciberbullying*, em particular, corresponde ao *bullying* que é realizado através do uso de tecnologia, tal como telemóveis e internet.

1.2 A Educação Física e a problemática do bullying

De um modo geral, toda a educação que culmina em formatos de aulas desinteressantes, conteúdos com pouco ou nenhum vínculo à realidade dos alunos, baixa motivação dos professores em enfrentar os problemas disciplinares, excesso de tolerância perante a indisciplina, permitir que o aspeto educativo passe a segundo plano face a comportamentos sociais negativos que se perpetuam e multiplicam dentro do ambiente escolar, todos estes aspetos podem favorecer comportamentos desviantes por parte dos alunos (Oliveira, 2004).

No nível da Educação Física, Ferreira (2006) afirma que à medida que se incentive excessivamente a competição, se exalte a excelência dos mais habilidosos, se diferencie meninos e meninas de forma inadequada e não se dê oportunidades a todos por igual, estaremos a contribuir para a exclusão dos mais fracos e pouco capazes e para a discriminação social, sexual, intelectual e outras.

68

No entanto, por vezes, a questão pode não se colocar no nível da perspetiva pedagógica que corresponde ao docente, se mais competitiva ou cooperativa. A tolerância a comportamentos agressivos e discriminatórios no decorrer da aula, o medo de intervir em situações potencialmente desafiadoras da autoridade do professor e a falta de intencionalidade pedagógica (assente em fatores motivacionais ou na falta de competência pedagógica), pode conduzir ao mesmo desfecho indesejado.

Na opinião de Fernandes, Costa, Moreira, Bogdan, Dias e Serôdio-Fernandes (2003), com frequência, os professores de Educação Física tendem a esquecer os aspetos relacionados com a educação sociodesportiva dos seus alunos, adotando uma atitude passiva e concordante com o que consideram ser a pressão da realidade social envolvente e os valores nela preferentemente difundidos, e como tal, não consideram ser útil lutar contra tal situação que os transcende. O problema é que o protagonismo e a intervenção do professor em sala de aula são de facto aspetos muito importantes tanto no clima educativo que se gera na aula, como nas atitudes dos alunos.

A avaliação pode igualmente ser um fator de exclusão. Esta deve ser muito mais do que simplesmente aplicar testes padronizados, selecionar pessoas e/ou

classificar alunos por níveis de habilidades. Isto acontece quando o professor dá muito mais atenção aos considerados capazes, em detrimento da maioria e, invariavelmente, classifica os seus alunos em mais hábeis e menos hábeis. A avaliação reduzida aos aspetos motores torna-se extremamente pobre e ineficaz. Esta deve possibilitar que todos possam ser capacitados dentro dos seus ritmos e velocidades (Soler, 2005).

A tolerância ou a não identificação de determinados comportamentos provocatórios por parte dos alunos pode ser outro aspeto potenciador de situações discriminatórias na aula de Educação Física. Estas atitudes podem manifestar-se de forma mais ou menos subtil, muitas vezes utilizando apenas uma linguagem corporal (não verbal), como por exemplo: o contacto violento durante as atividades e jogos; olhares e risos desmoralizantes, intimidatórios, e com o intuito de ridicularizar; exclusões intencionais (não passar a bola a alguém, ignorá-lo na escolha das equipas, distanciamento físico de alguns alunos); provocações corporais (bater, empurrar, esbarrar, assediar); dentre outras manifestações.

Em síntese, é de referir que na literatura não há evidência de que a disciplina de Educação Física, mesmo quando desvirtuada nos seus princípios e pressupostos básicos, possa levar diretamente ao comportamento *bullying*. Todavia, uma pedagogia centrada no rendimento, a excessiva utilização de situações competitivas ou unicamente centradas em modalidades desportivas, a tolerância ou a não identificação de comportamentos provocatórios e prepotentes e uma avaliação assente apenas na classificação dos alunos por níveis de habilidade, podem, conjuntamente, favorecer situações de exclusão e discriminação. Precisamente o contexto favorecedor de acentuados desequilíbrios de poder e estatuto nas relações entre pares, que poderão facilitar e até mesmo sustentar episódios de *bullying*.

2. METODOLOGIA

Estudo descritivo de delineamento transversal que incide sobre os alunos das escolas públicas dos 2.º e 3.º ciclos da Região Autónoma da Madeira (Portugal). A amostra é constituída por 1.818 alunos, do 5.º ao 9.º ano de escolaridade, de escolas públicas localizadas em três municípios da referida região autónoma. As idades dos alunos deste estudo estão compreendidas entre os 10 e os 18 anos com uma média de 12,8 anos e um desvio padrão de 1,7. A amostra de acordo com o género é constituída por 914 raparigas (50,3%) e 904 rapazes (49,7%).

A técnica de recolha de dados usada neste estudo foi o inquérito por questionário. Foi utilizado um questionário original de Olweus (1989), adaptado para a língua portuguesa e validado para a população escolar portuguesa por Pereira e Tomás (1994 cit. em Pereira, 2008) e revisto para este estudo, em 2010. Em conformidade com estudos transnacionais, como o *Health Behaviour in School-aged Children* - HBSC e o *Global School-based Student Health Survey* – GSHS, considera-se a participação em fenómenos de *bullying* desde que seja registada pelo menos uma ocorrência durante o período estudado e não apenas quando tal ocorre duas ou mais vezes (Due e Holstein, 2008; Escury & Dudink, 2010).

Para uma identificação complementar do conceito, no início do questionário a definição de *bullying* aparecia descrita de forma simples. Seguidamente, o questionário estava organizado em quatro secções, sendo a primeira relativa aos dados sociométricos, a segunda dizia respeito à identificação de comportamentos de vitimização por *bullying* durante o período estudado, a terceira secção destinava-se à identificação de comportamentos de agressão por *bullying* e na quarta secção eram abordados tópicos sobre a disciplina de Educação Física. Esta última secção continha quatro questões, sendo a primeira relativa à avaliação final na disciplina de Educação Física no ano letivo de 2009/2010, a segunda e a terceira incidiam sobre atitudes e comportamentos nesta aula e a quarta questão assentava numa apreciação pessoal em relação ao valor das aprendizagens na Educação Física. É de especificar que a segunda questão desta última parte do questionário, inquiria o aluno relativamente a situações preconceituosas e injustas que podem ocorrer na aula e a terceira questão incidia sobre a experiência de dificuldades e constrangimentos sentidos pelos alunos durante a sua participação na EF

70

O questionário foi aplicado no final do terceiro período do ano letivo 2009/2010. Todas as questões remetiam apenas para esse período de tempo.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 Os conceitos e as dificuldades dos alunos em relação à Educação Física e a sua apreciação sobre as aprendizagens nesta disciplina

A consciência e as noções dos alunos em relação à Educação Física são na sua generalidade positivas. A maioria dos alunos, entre 65,7% (n=1195) a 91,3% (n=1660), dependentemente da questão, não concordaram com os compor-

tamentos prepotentes e preconceituosos que propositadamente tentámos relacionar com a Educação Física, nem se identificaram de forma demasiado relevante com possíveis dificuldades pessoais e relacionais sentidas durante a participação nesta disciplina. A maior parte dos alunos, entre 62,7% (n=1140) e 88,5% (n=1609) dos inquiridos, responderam que estas dificuldades nunca ocorreram ou que ocorreram apenas algumas vezes.

Se tivermos em conta o género dos alunos, constatamos que os rapazes concordam sempre mais com todas as afirmações discriminatórias apresentadas do que as raparigas. Pelo contrário, no que concerne às dificuldades ou constrangimentos sentidos nesta disciplina, são as raparigas que evidenciam mais queixas.

Igualmente positiva e favorecedora para a Educação Física foi a avaliação que os alunos fizeram em relação às aprendizagem e competências que esta disciplina lhes pode proporcionar. Numa escala de cinco níveis (1 a 5), todos os aspetos questionados foram avaliados entre 3,7 e 4,2.

Agora o mais importante é saber se o envolvimento no *bullying* tem influência nestas variáveis, condicionando de alguma forma a participação, as atitudes, as dificuldades sentidas e a própria apreciação que os alunos fazem da disciplina, na qual o domínio socioafetivo e a relação com os colegas assumem particular relevo na avaliação.

3.2 Conceitos, dificuldades e apreciação dos alunos em relação à disciplina de Educação Física e o envolvimento em bullying

3.2.1 Os conceitos deturpados face à Educação Física dos alunos que agrediram/bullied os colegas

Começando pelos alunos que assumiram ter perpetrado agressões (pelo menos uma vez) durante o período estudado, podemos observar na Tabela 1 que estes concordaram percentualmente de forma mais expressiva, com todas as afirmações do questionário que indiciavam situações ou atitudes prepotentes, tendenciosas e injustas. De referir que este grupo de alunos (n=529) é constituído, significativamente ($p < 0,001$), por mais rapazes (60,1%; n=318) do que raparigas (39,9% ou n=211).

TABELA 1.

Conceitos deturpados sobre as práticas de EF e a agressão/bullying

Opiniões e atitudes sobre a aula de Educação Física		Agressão/bullying				X ² p-value
		não agrediram (n=1289)		agrediram (n=529)		
		n	%	n	%	
1.O professor deve dar mais atenção aos alunos mais capazes e habilidosos	discordo	870	67,5%	325	61,4%	,001**
	concordo	285	22,1%	156	29,5%	
2.Os alunos mais capazes e habilidosos devem participar e jogar mais do que os outros	discordo	1075	83,4%	421	79,6%	,021*
	concordo	138	10,7%	77	14,6%	
3.É importante demonstrar que sou melhor do que os meus colegas	discordo	969	75,2%	380	71,8%	,129
	concordo	221	17,1%	106	20,0%	
4.Ganhamos mais facilmente quando temos os melhores jogadores e não quando trabalhamos em grupo	discordo	1014	78,7%	397	75,0%	,019*
	concordo	179	13,9%	97	18,3%	
5.Na escolha das equipas tenho que ser escolhido primeiro porque sou dos melhores jogadores da turma	discordo	1121	87,0%	430	81,3%	,000***
	concordo	81	6,3%	67	12,7%	
6.Os rapazes e raparigas com mais dificuldades deviam jogar à parte para não atrapalharem os outros	discordo	1105	85,7%	411	77,7%	,000***
	concordo	120	9,3%	95	18,0%	
7.Acho divertido gozar os colegas que não conseguem jogar bem ou fazer corretamente os exercícios	discordo	1206	93,6%	454	85,8%	,000***
	concordo	46	3,6%	53	10,0%	
8.Durante os jogos ou exercícios consigo magoar alguns colegas, sem ninguém perceber que foi de propósito	discordo	1139	88,4%	408	77,1%	,000***
	concordo	54	4,2%	64	12,1%	

Notas: A percentagem de respostas em falta correspondem à opção “*não sei*” que não foi incluída na tabela.

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$;

As percentagens dos alunos mais agressivos chegam a atingir o dobro ou mesmo o triplo daquelas registadas pelos outros alunos. A única questão em que não se obteve uma diferença estatisticamente significativa era a que testemunhava a importância de demonstrar a nossa superioridade física e técnica perante os outros (20,0% para 17,1%).

3.2.2 As dificuldades sentidas na Educação Física pelos alunos que foram vítimas dos colegas

Tendo agora em consideração os alunos que referiram terem sido vítimas de *bullying* durante o período estudado (pelo menos 1 vez), estes sentem com mais frequência todas as situações potencialmente difíceis e constrangedoras que podem surgir na aula de Educação Física e que foram sugeridas no questionário aplicado (ver Tabela 2). De acrescentar que entre estes alunos não

se registam diferenças significativas em relação ao género, rapazes (47,2%; n=259) e raparigas (52,8%; n=290) parecem igualmente vulneráveis a este tipo de agressões.

TABELA 2

Dificuldades e constrangimentos na aula de E F e a vitimização por *bullying*

Condicionantes à prática da EF		Vitimização				χ^2 p-value
		não vitimados		vitimados		
		n	%	n	%	
1. Sentes que não conseguias ter melhor nota mesmo que te esforçasses mais	Não ou raras vezes	898	70,8%	348	63,4%	,000***
	Sim, muitas vezes	202	15,9%	128	23,3%	
2. Sentes-te menos capaz do que os teus colegas de realizar as tarefas da aula	Não ou raras vezes	1091	86,0%	411	74,9%	,000***
	Sim, muitas vezes	107	8,4%	110	20,0%	
3. Sentes vergonha do teu corpo ou da tua falta de habilidade/ coordenação	Não ou raras vezes	1094	86,2%	408	74,3%	,000***
	Sim, muitas vezes	114	9,0%	124	22,6%	
4. Na escolha das equipas normalmente ficas para o fim ou és dos últimos a ser escolhido	Não ou raras vezes	990	78,0%	339	61,7%	,000***
	Sim, muitas vezes	179	14,1%	178	32,4%	
5. Nos exercícios da aula quando falhas ou erras os teus colegas gozam ou brigam contigo	Não ou raras vezes	1141	89,9%	387	70,5%	,000***
	Sim, muitas vezes	77	6,1%	133	24,2%	
6. Sentes que os teus colegas gostam de mostrar que são melhores do que tu	Não ou raras vezes	890	70,1%	250	45,5%	,000***
	Sim, muitas vezes	261	20,6%	248	45,2%	
7. Nesta aula a tua relação com os teus colegas fica mais difícil	Não ou raras vezes	1093	86,1%	388	70,7%	,000*
	Sim, muitas vezes	79	6,2%	99	18,0%	
8. As atividades/ tarefas propostas na aula são difíceis e não consigo realizar a maior parte delas	Não ou raras vezes	1147	90,4%	462	84,2%	,000***
	Sim, muitas vezes	47	3,7%	57	10,4%	

Notas: A percentagem de respostas em falta correspondem à opção "não sei" que não foi incluída na tabela.

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$;

As oito questões que traduzem cenários desagradáveis ou constrangedores nas aulas de Educação Física registaram maior impacto entre os alunos vitimizados. Observamos que todas as questões têm níveis de significâncias idênticos e que estes são inclusivamente superiores aos registados entre as afirmações prepotentes e os alunos mais agressivos. Assim sendo, podemos afirmar que existe uma relação significativa entre as situações apresentadas e os alunos que reportaram terem sido vítimas de *bullying*.

3.2.3 Apreciação dos alunos envolvidos em bullying sobre a aprendizagem e as competências proporcionadas pela Educação Física

A questão sobre a Educação Física e a importância das suas aprendizagens podem ser consideradas uma espécie de avaliação que os alunos fazem desta disciplina, de acordo com a sua percepção da mesma.

3.2.3.1 APRECIÇÃO DOS ALUNOS VITIMADOS

TABELA 3.

Apreciação dos alunos em relação às aprendizagens em EF e à vitimização por bullying

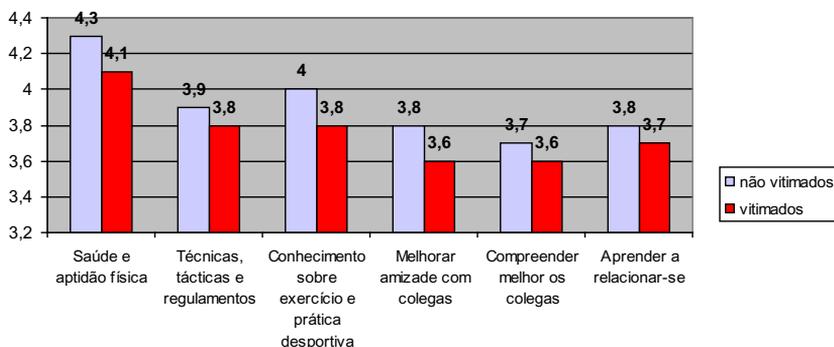
Aprendizagens na EF	Vitimização por <i>bullying</i>				
	não vitimados	vitimados	Total	Teste T <i>p</i> -value	T. Mann-Whitney <i>p</i> -value
	Média	Média	Média		
1. Melhor saúde e aptidão física	4,3	4,1	4,2	-	,004**
2. Técnicas, táticas e regulamentos dos desportos	3,9	3,8	3,8	,025*	-
3. Conhecimentos sobre o exercício e a prática desportiva	4,0	3,8	3,9	,000***	-
4. Melhorar a relação de amizade com os colegas da turma	3,8	3,6	3,7	,000***	-
5. Compreender melhor os colegas e as suas atitudes	3,7	3,6	3,7	,004**	-
6. Aprender a relacionar-se com as pessoas em geral	3,8	3,7	3,8	-	,021*

Nota: * $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

Podemos observar na Tabela 3 que os alunos *vitimados* apresentam sempre uma média significativamente mais baixa do que os alunos *não vitimados* em todos os itens apreciados. Globalmente, as médias registadas são mais baixas para os aspetos socioafetivos do que para os aspetos técnico-desportivos. Os alunos em geral atribuem mais méritos de natureza técnica do que propriamente relacional, à Educação Física (ver Figura 1).

FIGURA 1

Apreciação sobre a aprendizagem de aspetos técnico-desportivos e sócio-afetivos na disciplina de Educação Física



\s

3.2.3.2 APRECIÇÃO DOS ALUNOS QUE AGREDIRAM

TABELA 4

Apreciação dos alunos em relação às aprendizagens em EF e a agressão por bullying

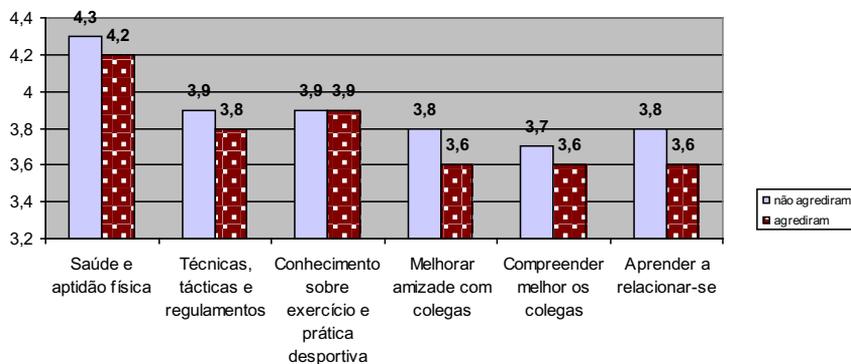
Aprendizagens na EF	Agressão			Teste T <i>p-value</i>	T. Mann-Whitney <i>p-value</i>
	não agrediram	agrediram	Total		
	Média	Média	Média		
1. Melhor saúde e aptidão física	4,3	4,2	4,2	-	,134
2. Técnicas, táticas e regulamentos dos desportos	3,9	3,8	3,8	-	,477
3. Conhecimentos sobre o exercício e a prática desportiva	3,9	3,9	3,9	,127	-
4. Melhorar a relação de amizade com os colegas da turma	3,8	3,6	3,7	,004**	-
5. Compreender melhor os colegas e as suas atitudes	3,7	3,6	3,7	,005**	-
6. Aprender a relacionar-se com as pessoas em geral	3,8	3,6	3,8	-	,002**

Nota: * $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

Na Tabela 4 podemos observar que os alunos que *agrediram* apresentam sempre uma média mais baixa do que os alunos que *não agrediram*. Para além das médias registadas serem, na generalidade, mais baixas para os aspetos socioafetivos do que para os aspetos técnico-desportivos, a diferença entre os dois grupos apenas é significativa, no segundo conjunto de questões. Novamente, os alunos atribuem mais méritos de natureza técnica do que relacional, à Educação Física e no caso dos alunos agressores essa tendência é mais acentuada (ver Figura 2).

FIGURA 2

Apreciação sobre a aprendizagem de aspetos técnico-desportivos e socioafetivos na disciplina de Educação Física



vs

3.3 3.3 Aproveitamento escolar e participação em situações de bullying

76

3.3.1 Aproveitamento escolar na disciplina de Educação Física e vitimização por bullying

Analisando a avaliação final do ano letivo na disciplina de Educação Física, em função da vitimização por *bullying* durante o terceiro período do mesmo ano letivo (2009/2010), observou-se uma interdependência entre estas variáveis. Quando a nota baixa nesta disciplina, a incidência da vitimização por *bullying* aumenta e vice-versa (ver Tabela 5).

TABELA 5

Incidência da vitimização em relação à avaliação final da disciplina de Educação Física no ano letivo de 2009/2010

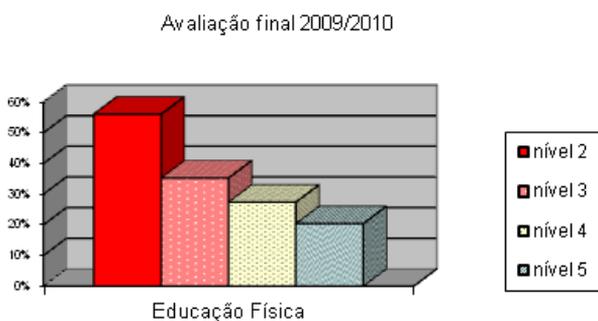
			Educação Física		
			não vitimados	vitimados	Total
Avaliação final 2009 / 2010	Nível 2	n	18	23	41
		%	43,9%	56,1%	100%
	Nível 3	n	465	254	719
		%	64,7%	35,3%	100%
	Nível 4	n	569	215	784
		%	72,6%	27,4%	100%
	Nível 5	n	214	55	269
		%	79,6%	20,4%	100%
	Total	n	1266	547	1813
		%	69,8%	30,2%	100%
T. Mann-Whitney			<i>p value</i>		,000***

Nota: * $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

O valor relativo da vitimização entre os alunos que apenas obtiveram nível dois em Educação Física, 56,1% (n=23) é quase três vezes maior do que o valor correspondente entre os alunos que alcançaram nível cinco nesta disciplina, 20,4% (n=55), (ver Figura 3).

77

FIGURA 3

Percentagem de alunos vitimados por cada nível avaliativo**3.3.2 Aproveitamento escolar na disciplina de Educação Física e agressão por bullying**

Ao confrontar os comportamentos agressivos de *bullying* durante o período estudado face à avaliação dos alunos no final do ano letivo, verificamos não existir a mesma tendência para a redução da sua incidência com o aumento das notas. Verifica-se um ligeiro decréscimo não significativo (ver Tabela 6).

TABELA 6

Incidência da agressão/bullying em relação à avaliação final da disciplina de Educação Física no ano letivo de 2009/2010

			Educação Física		
			não agrediram	agrediram	Total
Avaliação final 2009 / 2010	Nível 2	n	30	11	41
		%	73,2%	26,8%	100%
	Nível 3	n	493	226	719
		%	68,6%	31,4%	100%
	Nível 4	n	562	222	784
		%	71,7%	28,3%	100%
	Nível 5	n	201	68	269
		%	74,7%	25,3%	100%
Total	n	1286	527	1813	
	%	70,9%	29,1%	100%	
T. Mann-Whitney		<i>p value</i>	,067		

Nota: * $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

78

Existe uma variação mínima entre a incidência de jovens que registaram agressões/*bullying* (pelo menos uma vez durante o período estudado), entre os alunos de nível dois, 26,8% (n=11) e os de nível cinco, 25,3% (n=68). Depois, os alunos que têm mais probabilidades de serem agressores não são os que têm nível dois (26,8%, n=11), mas sim os que têm níveis três e quatro, respetivamente, 31,4% (n=226) e 28,3% (n=222).

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 *Conceitos, dificuldades e apreciação dos alunos em relação à disciplina de Educação Física e o envolvimento em bullying.*

Globalmente, constatámos que os alunos que agrediram os colegas, mais frequentemente, têm opiniões e atitudes prepotentes, tendenciosas e injustas, em relação à participação na aula de EF, do que os alunos que não cometeram agressões/*bullying*. Para este resultado contribui o facto de este grupo de alunos ser constituído maioritariamente por rapazes e de estes concordarem mais com todas as afirmações discriminatórias apresentadas. Este resultado é coerente com a maior agressividade e predisposição para o *bullying*, evidenciadas pelo género masculino e comprovadas em estudos anteriores (Grills e Ollendick, 2002; Martins, 2009; Nansel, Overpeck, Pilla, Ruan, Simons-Morton, e Scheidt, 2001; Olweus, 2010).

Por outro lado, os alunos vitimados sentem sempre mais constrangimentos e dificuldades nesta disciplina do que os restantes colegas não vitimados. Podem existir diversas causas para este cenário, entre as quais o facto de os jovens vitimados ficarem mais expostos no nível das suas eventuais insuficiências motoras e sociais.

Averiguamos igualmente que as expectativas dos alunos em relação à Educação Física também se veem negativamente afetadas pelo envolvimento em *bullying*, seja por terem sido vitimados ou por terem agredido outros colegas. Neste nível verificamos dois aspetos muito interessantes; primeiro, os alunos que tiveram alguma experiência deste tipo (vitimização ou agressão) têm uma expectativa mais baixa em relação à sua aprendizagem nas aulas do que a generalidade dos alunos, cuja apreciação em relação ao desenvolvimento de competências nesta disciplina registam sempre médias mais elevadas; segundo, a acentuada proximidade de médias registadas entre alunos vitimados e alunos que agrediram através de *bullying*. Embora estes alunos estejam “em lados opostos” do problema, curiosamente, a sua perceção relativamente às vantagens da EF ficam afetadas de forma muito semelhante.

Permitir que se instale um clima demasiado competitivo na aula, assente numa certa permissividade no nível de atitudes prepotentes e despóticas entre alunos, muitas vezes justificadas pela natureza competitiva e combativa do próprio desporto, pode comprometer a natural atração que os jovens sentem pela EF e resulta num progressivo afastamento e desrespeito pela disciplina. Inclusivamente, dos alunos que aparentemente retiram proveito desta falta de intencionalidade pedagógica para instaurar a cooperação e o respeito entre pares, como base de trabalho do processo de ensino/aprendizagem.

79

4.2 Aproveitamento escolar na disciplina de Educação Física e participação em bullying

Em Educação Física, os alunos que têm um nível insatisfatório são na sua maioria jovens que já sofreram qualquer forma de vitimização por *bullying* (56,1%). De forma coerente, o nível cinco nesta disciplina parece ser “protetor” face a esta problemática, já que dos alunos que atingiram este nível, apenas 20,4% foi alguma vez vitimado por *bullying*. Compreendemos deste modo que um aluno que demonstre dificuldades nesta disciplina, que é essencialmente prática, corre maior risco de ser maltratado pelos pares.

Relativamente aos comportamentos agressivos, em Educação Física, existe quase a mesma probabilidade de encontrarmos jovens que tenham praticado *bullying* entre os alunos de nível dois, como entre os de nível cinco. Um quarto dos melhores alunos da disciplina poderão ser perpetradores de *bullying* e existe maior prevalência de potenciais agressores entre os alunos que têm notas três e quatro, do que entre os alunos com negativa. Os alunos mais agressivos em Educação Física não são os que têm um aproveitamento insuficiente (esses parecem mais devotados à vitimização), mas sim os que têm um aproveitamento médio ou acima deste. Esta realidade esbarra claramente com os princípios e objetivos curriculares desta disciplina e com a natureza dos seus conteúdos programáticos.

Da apresentação dos resultados fica-nos a ideia de que este espaço curricular parece ser mais do agrado dos alunos com comportamentos agressivos ou de *bullying* do que dos alunos tidos como vítimas deste flagelo. Não deveriam ser justamente as vítimas a sentirem neste espaço pedagógico um terreno mais fértil e seguro para suprirem as suas necessidades e desenvolver as suas capacidades?

80

Pelo que vimos, as diferenças entre alunos que agrediram e alunos vitimados não se ficam pela sua apreciação mais ou menos positiva da disciplina. Traduzem-se igualmente no seu aproveitamento final, com os primeiros a obterem melhores notas do que as vítimas.

Os resultados encontrados levam-nos também a depreender que nestas idades uma ajustada disponibilidade corpórea é de extrema importância para uma melhor integração social e um adequado relacionamento interpessoal. Para além dos sobejamente conhecidos benefícios para o desenvolvimento psicomotor do jovem, um desempenho satisfatório no nível das suas capacidades e competências físico-motoras, que muitas vezes se traduz na qualidade das suas ações técnico-desportivas, pode melhorar a sua posição perante os pares e reduzir o risco de vitimização por *bullying*. Escury e Dudink (2010) confirmam que ser bem sucedido no desporto é um contributo para a popularidade dos jovens e um trunfo contra a vitimização por *bullying*. Em contrapartida, os alunos menos aptos para a prática desportiva tendem a ser vistos como desajeitados e pouco assertivos, o que reduz a sua popularidade perante os pares e os coloca mais expostos a comportamentos discriminatórios e de *bullying*.

5. CONCLUSÕES

Parece consensual que a EF é uma disciplina do agrado generalizado dos alunos. Seja pelos seus conteúdos, pelos espaços onde decorre ou pelas dinâmicas aplicadas pelos professores, este é um aspeto de indubitável importância e que deve ser adequadamente explorado. Contudo, ao comprovar-se esta relação entre a participação mais ou menos consciente e mais ou menos responsável dos alunos em atos de *bullying* e a maior probabilidade de manifestarem determinadas características no nível do seu comportamento (atitudes e opiniões) e aproveitamento escolar na aula de EF, conclui-se que dois cenários devem ser equacionados:

1. Os alunos que apresentem mais dificuldades e/ou um aproveitamento insatisfatório em Educação Física estão em maior risco de sofrerem uma vitimização por *bullying* do que outros jovens. Logo, é preciso uma atenção e focalização acrescidas nestes alunos, no sentido de eles superarem não só as suas insuficiências condicionais e coordenativas, como também desenvolverem as suas competências sociais, a sua autoestima e restabelecer a confiança nas suas capacidades individuais;
2. Os alunos que mais frequentemente manifestam atitudes antidesportivas, intolerantes e irascíveis com os colegas e que têm, por exemplo, dificuldade em aceitar as derrotas com desportivismo possuem, em média, o dobro de probabilidade de agredir, assediar ou ameaçar os colegas através de *bullying* do que outros jovens. A Educação Física deve tentar desenvolver nestes jovens, não só as suas qualidades físico-motoras, que muitas vezes já se situam em níveis ou percentis muito satisfatórios para a idade, mas sobretudo os seus valores, as suas atitudes e interações com os pares, sejam eles companheiros de equipa, adversários, colegas de turma ou de escola.

Devemos considerar que embora os relacionamentos sociais dos jovens sejam, por vezes, pautados por comportamentos discriminatórios, assentes na popularidade dos indivíduos ou em outros critérios similarmente infundados, a Educação Física deve evitar ou pelo menos atenuar eficazmente a extensão de tais manifestações injustas no âmbito do seu espaço de intervenção.

REFERÊNCIAS

- Carvalho, G., e Pereira, S. (2009). *Bullying e gênero nas aulas de Educação Física*. Acedido em 1 de dezembro de 2009, em http://www.efescolar.pro.br/Arquivos/arg_2009_23.pdf
- Chaves, W. (2006). *Fenômeno Bullying e a Educação Física Escolar*. Acedido a 29 de novembro de 2009, em <http://cev.org.br/biblioteca/fenomeno-bullying-e-educacao-fisica-escolar>
- Due, P., e Holstein, B. (2008). Bullying victimization among 13 to 15 year old school children: Results from two comparative studies in 66 countries and regions. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20 (2), 209-221.
- Escury, A. e Dudink, A. (2010). Bullying Beyond School: Examining the Role of Sports. In S. Jimerson, S. Swearer, & D. Espelage (Eds.), *Handbook of Bullying in Schools – An International Perspective* (pp.235-248). New York. Routledge.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz* (2.ª ed.). Campinas: Verus.
- Fernandes, H., Costa, H., Moreira, M., Bogdan, I., Dias, L., e Serôdio-Fernandes, A. (2003). Valores no desporto, estudo exploratório das atitudes desportivas e orientações motivacionais em alunos de Educação Física. *EFdeportes Revista Digital*, (67). Acedido a 2 de maio de 2009, em <http://www.efdeportes.com/efd67/valores.htm>
- Ferreira, V. (2006). *Educação Física – Interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Grills, A. E., e Ollendick, T. H. (2002). Peer victimization, global self-worth, and anxiety in middle school children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 31, 59–68.
- Martins, J. (2009). *Maus-tratos entre Adolescentes na Escola*. Lisboa. Editorial novembro.
- Ministério da Educação (2001a). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Autor como editor.
- Ministério da Educação (2001b). *Programa de Educação Física 3º Ciclo (Reajustamento)*. Acedido a 14 de dezembro de 2009, em <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/609/ProgrEducFisica-3C-reaj.pdf>
- Nansel, T., Overpeck, M., Pilla, R., Ruan, W., Simons-Morton, B., e Scheidt, P. (2001). Bullying behaviors among US youth. *JAMA - Journal of the American Medical Association*, 285, 2094-2100. Acedido a 20 de maio de 2009, em <http://jama.ama-assn.org/content/285/16/2094.full>
- Oliveira, F., e Votre S. (2006). Bullying nas aulas de educação física. *Movimento*, 12 (2), 173-197.
- Oliveira, J. (2004). *O Papel da Disciplina de Educação Física na Minimização da Indisciplina Escolar*. Dissertação de mestrado não publicada, Centro Universitário Moura

Lacerda, São Paulo. Acedido a 26 de novembro de 2009, <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/781/1/tese.pdf>

- Olweus, D. (1989). Prevalence and incidence in the study of antisocial behavior: Definitions and measurement. In M. Klein (Ed.), *Cross-national research in self-reported crime and delinquency* (pp. 187-201). Dordrecht. The Netherlands: Kluwer.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Olweus, D. (2010). Understanding and Researching Bullying. In S. Jimerson, S. Swearer, e D. Espelage (Eds.), *Handbook of Bullying in Schools – An International Perspective* (pp.9-33). New York. Routledge.
- Pellegrini, A. (1992). Rough and tumble play and social problem solving flexibility, *Creativity Research Journal*, 5 (1), 13-26.
- Pepler, D., Craig, W., Jiang, D., e Connolly, J. (2008). The development of bullying. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20 (2), 113-119.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*, (2.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rigby, K.(2007). *Bullying in schools and what to do about it*. Victoria: Acer Press.
- Sharp, S., e Smith, P. (1994). Understanding bullying. In S. Sharp e P. Smith (Eds.), *Tackling Bullying in Your School* (pp.1-6). London: Routledge.
- Soler, R. (2005). *Educação Física Inclusiva na Escola – Em busca de uma escola plural*. Rio de Janeiro. Sprint.
- Wolke, S., Woods, S., Bloomfield, L., e Karstadt, L. (2001). Bullying involvement in primary school and common health problems. *Archives of Disease in Childhood*, 85, 197-201. Acedido a 12 de janeiro de 2009, na base de dados PubMed.

